

15148 - A coragem das mulheres que mudaram a vida das trabalhadoras rurais do Sertão Central- PE

The courage of the women who have changed the lives of rural workers Sertão Central-PE

SANTOS, Adreanne Maria Lima Bem dos¹; Laeticia Medeiros Jalil²

1 Universidade Federal Rural de Pernambuco-UFRPE/UAST, adreannebem@hotmail.com; 2 Universidade Federal Rural de Pernambuco-UFRPE/UAST, laeticiajalil@gmail.com

Resumo: Este trabalho é parte do Projeto de Pesquisa e Extensão coordenado pelo Núcleo de Estudos, Pesquisas e Práticas Agroecológicas do Semiárido – NEPPAS, e visa mostrar a história de coragem das mulheres que fizeram e fazem a diferença na vida de muitas outras, compreendendo o significado da organização e da luta política para essas mulheres trabalhadoras rurais no Sertão Central, que participam do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central – MMTR- SC. Para tal, foi realizada uma série de entrevistas com as lideranças históricas do Movimento, em que se busca trazer a visão das mesmas sobre os desafios, as lutas e as conquistas das mulheres trabalhadoras rurais da região, através de suas participações no Movimento e em outros espaços políticos, como Associações e Sindicatos de Trabalhadores Rurais – STR's.

Palavras-Chave: Conquistas; lutas; coragem.

Abstract: This work is part of a Research and Extension coordinated by the Center for Studies, Research and Practice Agroecologies Semiarid - NEPPAS, and aims to show the story of the courage of the women who made and make a difference in the lives of many others, including the meaning of organization and political struggle for these rural women workers in Central Hinterland, participating in the Movement of Rural Women Workers Sertão Central - MMTR-SC. To this end, we conducted a series of interviews with leaders of the historical movement, which seeks to bring about the vision of the same challenges, struggles and achievements of rural women workers in the region, through its participation in the Movement and other political spaces, such as Associations and Unions of Rural Workers - STR's.

Keywords: Achievements; struggles; courage.

Contexto

No ano de 2012 foi iniciado o projeto O Sentido e o Significado da Luta e da Participação Política para as Mulheres do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central - MMTR-SC. O mesmo faz parte das ações do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Práticas Agroecológicas do Semiárido – NEPPAS, o qual foi fundado em dezembro de 2010 na UAST - Unidade Acadêmica de Serra Talhada, da UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco, e que é composto por docentes das

áreas de Agronomia, Sociologia e Zootecnia, discentes das áreas de Engenharia de Pesca, Biologia, Agronomia, Zootecnia, Sistemas de Informação, Economia e Administração e técnicos de organizações não governamentais e governamentais. Com enfoque multi e interdisciplinar, dando vistas ao meio rural, suas dinâmicas e transformações permanentes com o objetivo de fortalecer a Agricultura Familiar de nossa região, desenvolve atividades de pesquisa e extensão com agricultores familiares no Sertão do Pajeú.

O desenvolvimento deste projeto resultou de um profundo interesse em analisar a trajetória das mulheres do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central – MMTR-SC, buscando compreender o significado da organização e da participação política, os desafios e as mudanças vivenciadas por elas, tanto na dimensão privada, quanto na esfera pública. Outro ponto é compreender as mudanças provocadas pela participação delas nos espaços políticos como sindicatos, conselhos, associações e identificar o perfil das mulheres trabalhadoras rurais do MMTR-SC, localizadas no Território do Sertão do Pajeú, nos municípios de Triunfo, Serra Talhada, Itapetim, Jericó e São José do Belmonte, Estado de Pernambuco, as trajetórias individuais das mesmas e compreender a importância do Movimento para a transformação das relações de gênero no meio rural. De acordo com Perrot (2005), compreender os caminhos percorridos pelas mulheres, seus desafios e obstáculos tanto nos sindicatos quanto nos movimentos rurais é muitas vezes aprender a desvelar os “silêncios da história”.

Descrição da experiência

A metodologia para realização deste trabalho é uma metodologia qualitativa, com pesquisa e revisão bibliográfica; visitas técnicas à Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Pernambuco – FETAPE, para pesquisar e levantar material do MMTR-SC como cartazes, cartilhas, folders e informações sobre as antigas lideranças do MMTR-SC existentes na região (onde estão, o que fazem e possíveis contatos). Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as lideranças do MMTR-SC em que se buscou sistematizar o sentido da organização política para elas, o ser mulher trabalhadora rural e como vivenciam a luta pela transformação do meio rural e as modificações das relações de gênero.

A vida das mulheres trabalhadoras rurais do Sertão Central de Pernambuco é marcada por uma história de muitas lutas e conquistas. Fazem parte dessa história mulheres que dedicaram suas vidas a causa de transformar outras, muitas vezes abrindo mão da própria vida pessoal. Todas estão ligadas ao Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central – MMTR- SC. Este Movimento nasceu da necessidade de dar voz às mulheres do campo, uma vez que elas não participavam das reuniões sindicais devido à forte relação de machismo no meio rural. Outro ponto culminante para a criação do Movimento foi a exclusão das mulheres nas Frentes de Emergência (programas executados nos períodos mais críticos das secas e consistiam em obras de pequeno e médio portes em grandes propriedades) fato esse que foi modificado através de Vanete Almeida, fundadora do Movimento e assessora da FETAPE, que, juntamente, com os Dirigentes do Polo

Sindical da região do Sertão Central elaboraram um documento reivindicatório exigindo o alistamento das mulheres no trabalho das Frentes de Emergência. *“Dentro do Movimento Sindical eu puxei um documento denunciando que as Frentes de Trabalho Emergenciais do governo eram só para os homens, não tinha nada para as mulheres e comecei a discutir com elas a possibilidade de se abrir trabalho para as mulheres, e esse documento nós jogamos em tudo OAB, CUT, Federações, jornal tudo e aí deu certo, abriu-se frente de trabalho para as mulheres”.*

Maria Vanete Almeida começou seu trabalho de luta em prol das mulheres em 1980 quando ingressou na FETAPE. Desde o início da sua vida sindical enfrentou muitos desafios por ser mulher, pois sempre precisava demonstrar competência em tudo. *“Eu nunca fiquei embaixo dos pés dos homens. Eu tinha que ter muita capacidade, política, intelectual, pessoal porque só assim eu não ficava debaixo dos pés deles nem eu tinha de ser igual a eles, eu tinha que me defender como mulher”.* Nas visitas às comunidades rurais da região contava com a presença de companheiros do sindicato que a acompanhavam nas oficinas isso não era muito bem visto porque era apenas ela de mulher nas viagens. *“Primeiro eu tinha críticas vindo da minha família, as mulheres dos diretores tinham ciúmes de mim, mas eu tinha todo um cuidado e acima de tudo eu me respeitava. Na minha vida pessoal eu só tinha que ser muito vigilante em todos os sentidos, vigiando o que falava, o que vivia e o que fazia”.* Seu trabalho de conscientização com mulheres rurais a tornou uma liderança entre elas. *“Quando eu comecei a trabalhar com as mulheres aí sim eu tive a certeza que eu ia sair mais fortalecida porque eu não ia ficar mais só, eu tinha com quem discutir, com quem encaminhar as coisas, quando eles me pressionavam de um lado elas me defendiam do outro”.*

Sua observação sobre a ausência da mulher trabalhadora rural na organização e na luta sindical foi que determinou a realização de reuniões apenas com mulheres e em locais fora das suas casas para que elas se sentissem menos intimidadas uma vez que não tinha a presença dos maridos. Para isso, Vanete Almeida contou com o auxílio de Inês Paulina a quem encarregou de convidar as mulheres de Caiçarina da Penha para realizar a 1ª reunião do Movimento em 1982. *“Vanete pediu para eu fazer porta a porta lá nas ruas de Caiçarina, convidando as mulheres para gente se reunir na igreja, aí assim eu fui, saí de casa cedinho”.* A reunião contou com a presença de Alzira, Luzinete, Aldagisa, Leonor, Inês e Vanete. *“Ela falava nas reuniões que eu era a fundadora desse Movimento que através dela ter mandado esse recado e eu ter aceitado o convite de chamar as mulheres para a reunião”.*

Com todo empenho por parte do MMTR-SC, as mulheres trabalhadoras rurais ainda precisavam aumentar a participação no movimento sindical e isso aconteceu em 1985, depois do 4º Congresso de Trabalhadores Rurais em Brasília, quando a Tese das mulheres foi aprovada, por unanimidade, na Comissão de Sindicalismo, a mais polêmica e maior comissão do Congresso. Essa Tese foi defendida por Maria Ferreira Lima de Souza, mais conhecida por Dona Lia de Itapetim, a qual foi a primeira mulher presidente de sindicato no país. *“Depois de ser aprovada em todo Estado de Pernambuco, ela foi levada para o 4º Congresso e foi aprovada por*

unanimidade. Era uma comissão de 855 trabalhadores rurais na Comissão do Sindicalismo, era a maior de todas as comissões e tinha trabalhador a nível nacional de todos os Estados e essa Tese passou por todos os sindicatos. Foi a partir daí que as mulheres perceberam, descobriram que realmente ela estava defendida, então, elas tiveram pulso para criar o Movimento”. Mesmo estando à frente da presidência do sindicato de Itapetim, Dona Lia sofreu muitos preconceitos. “Terminando a gestão do atual presidente do sindicato ele achou por bem indicar o meu nome o qual foi aceito por uma grande maioria só que, também não deixou de haver rejeição no período, ainda, de ditadura né? A maioria dos homens consideravam as mulheres como um nada e ainda houve algumas rejeições. Algumas pessoas chegaram a dizer: Tem mais homem em Itapetim não? Cadê os homens de Itapetim? Por que é que você hoje está indicando uma mulher para a direção do sindicato? Só que chegou o dia da eleição e tive uma votação, assim, esmagadora, vamos dizer para época, né? E a partir daí começou todo um trabalho dentro do Movimento Sindical”.

Discriminação também fez parte da vida de Maria José dos Santos Jucá, quando queria se tornar sócia do sindicato chegou a ser impedida. “Quando fui me associar o presidente, falou: Não se associe. Falei: Por quê? Porque quem se associa é o homem. Eu falei: E eu estou separada. Aí é que não se associa”. Maria Jucá enfrentou muitas dificuldades até mesmo para trabalhar nas Frentes de Emergência. “Quando a gente teve o direito de trabalhar nas Frentes de Emergência foi muito difícil porque a gente trabalhava no meio de muitos homens, os maridos não gostavam, nenhum queria e a gente tinha que trabalhar”.

Através do MMTR-SC não só as mulheres tiveram seus direitos reconhecidos, mas também os homens. Sebastiana Ferreira dos Santos Lima, conhecida como Dona Nenzinha, participou da luta desses direitos. “Em 1989 nós fomos a uma reunião em Brasília, era sobre salário maternidade, baixar a idade dos homens que só se aposentavam com 65 anos e as mulheres também ter o direito de se aposentar mesmo ela tendo marido, então, nós fizemos um documento e levamos para o Presidente da República”.

Resultados

Apesar de todas as dificuldades e discriminações no meio rural, existem mulheres que chamam a responsabilidade para si e enfrentam todos os obstáculos. São mulheres fortes que não fogem da luta de conquistar cada vez mais espaço e direitos. Sempre pensam e agem pelo social. De acordo com o maior símbolo da luta pelos direitos das mulheres trabalhadoras rurais, Vanete Almeida, ela fazia tudo outra vez. “Olha eu fazia tudo que eu fiz de novo, disso eu tenho certeza, tudo que eu passei eu passaria de novo, eu acho que fui mais longe do que eu imaginava porque quando eu comecei o trabalho no distrito no lugarzinho como esse aqui que se chama Caiçarinha da Penha eu não tinha nenhuma pretensão a não ser que as mulheres aprendessem, que elas saíssem daquela escravidão tão visível. Depois que o movimento foi crescendo lideranças foram surgindo isso foi me dando muita alegria e muita certeza de que eu estava no caminho certo, mas, de novo, eu nunca tinha pretensão de ir tão longe”. E a mensagem que Vanete deixou para todas as mulheres:

“Elas têm que se encorajar para enfrentar a vida e essa coragem tem que ser em todos os aspectos, é preciso ser vigilante, olhar em todos os lados e ver onde estão sendo escravizadas, desvalorizadas, discriminadas para, na medida do possível, ter força para colocar cada coisa em seu lugar, então ser mulher no momento atual é muito difícil”. Para Vanete Almeida, ser mulher é ser um ser diferenciado. As mulheres são diferentes dos homens em todos os sentidos: no olhar, no viver, no sentir e para ela, historicamente, as mulheres têm um papel importante a desempenhar para mostrar que o mundo é dos homens e das mulheres e, que o mesmo não foi feito e nem pensado só para eles, é um espaço dos dois; para ela é muito desafiador ser uma mulher dentro de casa, na criação dos filhos, com os vizinhos, na sociedade nas entidades que você dirige ou participa.

Agradecimentos

Agradecemos ao NEPPAS, a FETAPE, ao MMTR-SC, a UFRPE/UAST e ao CNPq.

Referências bibliográficas:

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988. **As mulheres ou os silêncios da história.** São Paulo: EDUSC, 2005.

Sistematização de entrevistas realizadas com lideranças do MMTR-SC.

Uma História de Mulheres: Uma história da organização do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão de Pernambuco. Edição – Atualizada. 1994/2004.